

A contribuição da literatura para o conhecimento e reconhecimento da história e cultura afro-brasileira e africana

The contribution of literature to knowledge and recognition of afro-brazilian and african history and culture

Rosalva Maria Girão Pereira Nogueira

Professora da Educação Básica do Estado do Ceará (SEDUC). Mestra em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis (UNILAB). Especialista em Gestão Pública (UNILAB); Gestão da Educação Pública (UFJF) e em Ensino da Língua Portuguesa e suas Literaturas (FGF); Licenciada em Letras (UFC). Barreira, Ceará, Brasil. Contato: romgpn@yahoo.com.br.

Luís Tomás Domingos

Docente de IHL/UNILAB; Docente do Programa de Mestrado Acadêmico em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis - MASTS/UNILAB; Docente do Programa de Mestrado Acadêmico em Antropologia - UFC/UNILAB. Redenção, Ceará, Brasil. Contato: luis.tomas@unilab.edu.br

Resumo:

Este artigo aborda o ensino da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira na Educação Básica a partir da Lei 10.639/2003, dando ênfase ao ensino da Literatura como promotora do conhecimento e reconhecimento da cultura e história do povo africano na formação da nação brasileira. Esse ensino deve fomentar no aluno o desejo de reconhecimento ao grupo étnico-racial a que pertence. Apresenta, nesse contexto, o escritor moçambicano Ungulani Ba Ka Khosa, fazendo uma breve análise da obra *Ualalapi* enquanto instrumento de conhecimento da cultura e história do povo africano, destacando a importância da literatura africana pós-colonial como fonte de reflexão e crítica sobre a história oficial. Trata-se de um trabalho de investigação bibliográfica fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana e em diversos artigos científicos de autores consagrados.

Palavras-chave: Ensino. História. Literatura Africana.

Abstract:

This article deals with the teaching of African and Afro-Brazilian History and Culture in Basic Education based on Law 10.639 / 2003, emphasizing the teaching of Literature as a promoter of knowledge and recognition of the culture and history of the African people in the formation of the Brazilian nation. This teaching should foster in the student the desire for recognition of the ethnic-racial group to which he belongs. It presents, in this context, the Mozambican writer Ungulani Ba Ka Khosa, giving a brief analysis of the work *Ualalapi* as an instrument of knowledge of the culture and history of the African people, highlighting the importance of postcolonial African literature as a source of reflection and criticism on history official. It is a bibliographical research based on the National Curricular Guidelines for the Education of Ethnic-Racial Relations, for the Teaching of Afro-Brazilian and African History and Culture, and in several scientific articles by established authors.

Keywords: Teaching. History. African Literature.

Introdução

Este artigo aborda o ensino da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira na Educação Básica a partir da Lei 10.639/2003. A discussão que se pretende aqui não é apresentar historicamente os fatos que justificam a obrigatoriedade desse ensino, mas sim fazer considerações sobre sua contribuição na valorização da história e cultura dos africanos e afro-brasileiros para o conhecimento e reconhecimento das raízes da nação brasileira.

Nesse sentido, o presente artigo apresenta, de forma breve, o escritor moçambicano Ungulani Ba Ka Khosa e seu romance *Ualalapi* enquanto instrumento de conhecimento da identidade da cultura e história do povo africano, enfatizando a importância da literatura africana como fonte de reflexão e crítica sobre a história oficial.

Desse modo, optamos por um trabalho de investigação bibliográfica que fundamentasse nosso desejo de difundir a história e cultura africana e afro-brasileira. Assim, nos apoiamos nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana e em diversos artigos científicos de autores consagrados, tais como: Russel Hamilton, Ana Mafalda Leite, Eduardo Assis Duarte, Amadou Hanpâté Bâ, entre outros estudiosos da literatura africana.

Salienta-se a importância dessa discussão pelo fato de a sociedade brasileira ser considerada uma das maiores sociedades multirraciais do mundo e ser constituída por um grande número de descendentes de africanos. São mais de 40% do *corpus* da população brasileira de ascendência negra e africana¹.

A Lei 10.639/2003 e a partir dela as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana/2004 surgem, nesse contexto, com a proposta de promover um ensino que contemple a história do continente africano e diversidade étnico-racial presente na sociedade brasileira. Diante deste desafio, a escola precisa atuar de forma a repensar sua postura e prática pedagógica, abrindo-se a uma perspectiva humanizadora e ciente de seu comprometimento com o ensino da história da África, da memória e da cultura negras, reconhecendo a África como berço da humanidade, a partir de onde tiveram início as grandes civilizações. Em acordo a Kabengele Munanga:

¹ GOMES, Nilma Lino. Diversidade étnico-racial e Educação no contexto brasileiro: algumas reflexões. In: GOMES, Nilma Lino (org.). *Um olhar além das fronteiras: educação e relações raciais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.136 p.

Reconhecer que a África tem história é o ponto de partida para discutir a história da diáspora negra que na historiografia dos países beneficiados pelo tráfico negreiro foi também ora negada, ora distorcida, ora falsificada.²

O ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica tornou-se obrigatório a partir da Lei 10.639/2003, vindo ao encontro do estabelecido na Constituição Federal nos seus Art. 5º, I, Art. 210, Art. 206, Art. 215 e Art. 216 e na Lei 9.394/1996 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, os quais asseguram aos brasileiros o direito à vida sob condições iguais, direito às histórias e culturas que compõem a nação brasileira, como também o acesso às diferentes fontes de cultura nacional³.

As instituições educativas devem, pois, viabilizar esse ensino através de projetos político-pedagógicos orientados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, propiciando a construção de uma memória identitária que reconhece a matriz africana como formadora da sociedade brasileira.

O Brasil, sendo um país multiétnico e pluricultural, e tendo sido o país que mais recebeu africanos escravizados, precisa de organizações escolares inclusivas, que fomentem no aluno o desejo de reconhecimento ao grupo étnico/racial a que pertencem. Esse reconhecimento diz respeito à valorização e à divulgação dos processos históricos de resistência negra dos africanos escravizados no Brasil e por seus descendentes, assim como respeito à cultura e história do povo africano.

Assim, o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana deve contemplar o estudo da diversidade étnico-racial em atividades do cotidiano escolar, promovendo o diálogo intercultural e respeito aos valores, costumes e tradições que formam a miscigenação da nação brasileira. Destaca-se a importância da literatura afro-brasileira e africana, ao propiciar o encontro entre o sujeito e a sua gênese, sua história, sua cultura, sua raiz. Compreende-se que a literatura pode contribuir para o desenvolvimento de pensamentos e ações que façam reconhecer o pertencimento à etnia negra, como também construir um novo olhar sobre o conhecimento — tão pouco disseminado nas escolas brasileiras — da história e cultura dos africanos e afrodescendentes; assim, é preciso reconhecer a cultura africana como uma das principais matrizes da identidade brasileira.

² MUNANGA, Kabengele. Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje? *Revista do Instituto de estudos brasileiros*, n.62, 2015, p. 28. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/viewFile/107184/105723>. Acesso em: 15 out. 2017.

³ BRASIL. Parecer CNE/CP 03/2004. In: *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira*. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica/Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013, p. 497.

O ensino da literatura na educação básica brasileira deve, portanto, ter um caráter funcional, ao favorecer ao sujeito uma filosofia de vida que o torne útil à vida em sociedade, favorecendo o seu aspecto humano. Nesse contexto, a literatura deve ser pensada como instrumento de empoderamento intelectual e afetivo, porque formador da personalidade e, de modo mais amplo, humanizador do sujeito⁴. A literatura é, pois, segundo Antônio Candido, um fator indispensável de humanização, sendo este processo entendido como

[...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do amor⁵.

Nesse artigo, alia-se o ensino da literatura, na educação básica, à disseminação do conhecimento histórico, de forma mais específica o conhecimento sobre África. Com este fim, a obra *Ualalapi*, de Ungulani Ba Ka Khosa, nos serve de *leitmotiv*, favorecendo, como afirma Candido sobre o papel da literatura, a quota de humanidade que há em nós, ao nos tornar abertos e mais compreensíveis para a natureza, a sociedade, o semelhante e nos impelindo a lutar pelos direitos humanos⁶.

A motivação para o estudo do texto literário tem por fim construir o orgulho de sua origem africana e negra e o reconhecimento de sua história, buscando trabalhar os valores sociais e culturais através dos gêneros poema, conto, romance e outros. Importa que sejam trabalhados textos de escritores africanos e afrodescendentes brasileiros que se reportam ao período da colonização europeia do continente africano e pós-colonização, a fim de promover a reflexão e conhecimento sobre a história do continente africano. Dessa forma, intenta-se atender aos preceitos defendidos pela Lei 10.639/2003 de forma efetiva e, num caráter mais amplo, propiciar a criticidade no sujeito, de modo a construir neste o entendimento de suas raízes.

Fundamentando nosso pensamento em Antônio Candido, ressaltamos a função da literatura relacionada a três aspectos: a literatura enquanto construção de objetos autônomos, estrutura e significado; como forma de expressão, manifestação de emoções e visão de mundo dos indivíduos; e como uma forma de conhecimento ou aprendizado. Na educação básica, o ensino da literatura deve atuar de forma simultânea ao considerar esses três aspectos, visto que a fruição do texto

⁴CANDIDO, Antônio. *O Direito à Literatura*. Vários Escritos, 1988, p. 175-176. Disponível em: <file:///C:/Users/Rosalva/Downloads/candido-antonio-o-direito-c3a0-literatura-in-vc3a1rios-escritos%20fichamento.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2016.

⁵ CÂNDIDO, 1988, p. 180.

⁶ CÂNDIDO, 1988, p.180-186.

literário nos permite, além de desenvolver a sensibilidade necessária para o estar no mundo físico, a capacidade de ordenação do mundo que nos cerca. É, portanto, um direito humano e uma necessidade universal⁷.

A literatura afro-brasileira e africana

A literatura afro-brasileira surge no contexto da literatura nacional com o fim de dar visibilidade e valorização à identidade da cultura negra. Por literatura afro-brasileira apresentamos conceito extraído de Duarte, que elenca elementos identificadores a essa literatura, tais como:

[...] voz autoral afrodescendente, explícita ou não no discurso; temas afro-brasileiros; construções linguísticas marcadas por uma afro-brasilidade de tom, ritmo, sintaxe ou sentido; um projeto de transitividade discursiva, explícito ou não, com vistas ao universo recepcional; mas, sobretudo, um ponto de vista ou lugar de enunciação política e culturalmente identificado à afrodescendência, com fim e começo⁸.

Sobre os elementos característicos da literatura afro-brasileira relacionados por Eduardo de Assis Duarte, observamos que o tema é o principal fator que caracteriza o pertencimento de um texto a essa literatura, sendo o negro o tema principal da literatura negra. Para Otavio Ianni, o afrodescendente representa não apenas o sujeito, no plano do indivíduo, mas o “[...] universo humano, social, cultural e artístico” difundidos através dessa literatura⁹. A literatura, assim, passa a ser um instrumento através do qual pode-se resgatar a história do povo Africano e negro na diáspora.

Já a autoria, escrita proveniente de autor afro-brasileiro, é um fator que se alia diretamente ao ponto de vista, visto que não basta ser afrodescendente para se escrever literatura afro-brasileira, mas apresentar uma visão de mundo conciliada à história e às culturas do negro. A linguagem, um outro fator, refere-se a um tipo de discurso específico; faz uso de vocabulário pertencente às práticas linguísticas originárias da África, inscrevendo-se enquanto instrumento de ruptura com o discurso do branco.

E como último elemento, destaca-se o público leitor como fator de intencionalidade próprio a essa literatura. Segundo Eduardo de Assis Duarte¹⁰, a literatura afro-brasileira tem propósitos ousados porque deseja apresentar novos modelos identitários, dialogando com as expectativas do leitor e, também, buscando alijar o preconceito e a discriminação. Duarte afirma

⁷ CANDIDO, 1988, p.176 – 177.

⁸ DUARTE, Eduardo de Assis. *Por um Conceito de Literatura Afro-Brasileira*. Terceira Margem, Rio de Janeiro. n. 23. 2010, p. 122. Disponível em: <<http://revistaterceiramargem.com.br/index.php/revistaterceiramargem/article/view/60>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

⁹ DUARTE, 2010, p. 122.

¹⁰ DUARTE, 2010, p. 134.

que esses elementos isolados não propiciam o pertencimento à literatura afro-brasileira, mas sim à conjugação e à interação destes.

No entanto, Edmilson de Almeida Pereira¹¹, poeta e crítico literário, faz uma ressalva sobre os critérios étnico, “[...] que vincula a obra à origem negra ou mestiça”, e temático, “[...] que identifica o conteúdo de procedência afro-brasileira como caracterizador da Literatura Afro-brasileira”, considerados por ele como delimitadores ou pouco abrangentes, visto que eles podem representar uma censura aos autores negros e não negros. E nos apresenta um outro critério, o critério pluralista, que coloca a literatura afro-brasileira “[...] como uma das faces da Literatura Brasileira”¹².

Para este autor, a literatura brasileira é constituída de uma *tradição fraturada*, posto que a sua identidade passou por um processo de colonização.

[...] A Literatura Afro-brasileira integra a tradição fraturada da Literatura Brasileira. Por isso ela apresenta um momento de afirmação da especificidade afro-brasileira (em termos étnicos, psicológicos, históricos e sociais) que se encaminha para uma inserção do conjunto da Literatura Brasileira.¹³

Domício Proença Filho, crítico literário notável, é quem também nos apresenta restrições quanto ao uso do termo *literatura negra*, da forma como vem sendo abordado no Brasil. Para este estudioso, o termo admite duas acepções: a primeira, de sentido restrito, relaciona *negra* à literatura feita por negros ou por descendentes assumidos de negros, sendo detentora de certa singularidade cultural; a segunda, *lato sensu*, considera *negra* a arte literária feita por quaisquer pessoas, contanto que relacionada a peculiaridades dos negros ou descendentes de negros¹⁴.

Para Proença Filho, o exercício dessa literatura, considerada apenas sob o primeiro aspecto é delimitadora, posto que a literatura deve representar a “[...] afirmação de elementos que vão dos espaços míticos (resgate da memória coletiva) aos sócio-históricos (resgate dos elementos que fazem a história dos negros enquanto grupo étnico)”¹⁵, e isso não restringe a participação de não negros. Corrobora-se a relevância da literatura negra como componente da singularidade cultural, mas, principalmente, reveladora da causa do negro:

¹¹ PEREIRA, Edmilson de Almeida. *Panorama da Literatura Afro-brasileira*. Literafro, UFMG, 1995, p. 1. Disponível em: <<http://150.164.100.248/literafro/data1/artigos/artigoedmilsoncallaloo.pdf>>. Acesso em: 26 abr. 2016.

¹² PEREIRA, 1995, p.5.

¹³ PEREIRA, 1995, p.2.

¹⁴ FILHO, Domício Proença. A trajetória do negro na literatura brasileira. *Estudos Avançados*, v.18, n. 50, São Paulo, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100017>. Acesso em: 26 abr. 2016.

¹⁵ FILHO, 2004, p. 186.

[...] a situação do negro e seus descendentes na construção socioeconômica do país e sua marcada participação nos tempos heroicos da formação da nacionalidade, as contribuições linguísticas colocadas em evidências na nossa língua portuguesa do Brasil, podem, entre outros traços, contribuir através da transfiguração na literatura, para o maior conhecimento e o redimensionamento da presença do negro na sociedade brasileira¹⁶.

Dessa forma, o ensino da literatura na educação básica deve possibilitar o ensino da literatura afro-brasileira e africana, vislumbrando uma formação humana que faça despertar a consciência negra, ao barrar qualquer tipo de discriminação e preconceito e alijando da escola estereótipos depreciativos. É importante salientar que é preciso que o professor tenha sensibilidade para ser o condutor da reeducação das relações entre os diferentes grupos étnico-raciais na escola e instigue nos seus alunos o desejo de conhecer para reconhecer e valorizar a história, cultura e identidade dos descendentes de africanos.

Esse processo de reconhecimento envolve ações pontuais, como a aquisição de iguais direitos sociais, civis, culturais, econômicos. Ademais, os estabelecimentos de ensino e professores devem ter como objetivo, entre outros, realizar ações educativas de combate ao racismo e à discriminação, valorizando o texto literário, a oralidade e marcas da cultura de matriz africana.

A literatura afro-brasileira e africana deve ser difundida nas escolas como instrumento de reconhecimento e valorização da cultura afro-brasileira e africana. Esta ação, que é uma ação política, tem como meta o direito dos negros de se reconhecerem na cultura nacional, expressarem visões de mundo próprias, manifestarem com autonomia, individual ou coletiva, seus pensamentos¹⁷.

Breve apresentação de Ungulani Ba Ka Khosa, um escritor africano, e a obra *Ualalapi*

Ungulani Ba Ka Khosa, cujo nome é de origem tsonga, é Francisco Esaú Cossa. Nasceu em Inhaminga, Sofala/Moçambique no ano de 1957. O romance *Ualalapi* marca a estreia de Ungulani Ba Ka Khosa como ficcionista em 1987. A obra foi laureada com o “Grande Prêmio de Ficção Narrativa Moçambicana” em 1990. Nela, seu autor, reconta o final do século XIX em Moçambique ao travar um diálogo com documentos históricos portugueses, provérbios populares moçambicanos e passagens bíblicas veiculadas pelo ocidente¹⁸.

Ungulani Ba Ka Khosa prefere apresentar-se através de seu texto, que dá vazão à sua expressão. A obra *Ualalapi* é considerada por alguns estudiosos como um livro de contos; por

¹⁶ FILHO, 2004. p. 187.

¹⁷ BRASIL, 2013, p. 498.

¹⁸ TEIXEIRA, Vanessa Ribeiro. Ungulani, Paulina e as várias faces de Ngungunhani. *Mulemba*. Rio de Janeiro: UFRJ, V.1, n. 8, pp. 1 41 - 151. jan./ jul. 2013. ISSN 2176381X. Disponível em: <http://setorlitafrika.lettras.ufrj.br/mulemba/artigo.php?art=artigo_8_10.php>. Acesso em: 05 nov. 2015.

outros, um romance. Em acordo com o próprio autor, o livro não constitui um romance, mas um “conjunto de contos contínuos”, chamado de *Fragmentos do Fim de 1 a 6*. Conforme Sletsjoe¹⁹, esta narrativa tem raízes no romance histórico e funde tanto material histórico como fontes escritas ou orais, além de elementos fictícios, os quais podemos observar através da presença de seis fragmentos constantes e anteriores ao início de cada um dos contos: “Ualalapi”, “A morte de Mputa”, “Damboia”, “O cerco ou fragmentos de um cerco”, “O diário de Manua” e “O último discurso de Ngungunhane”, que são trechos de documentos históricos, relatórios do governador militar português de Gaza, e trechos de Ayres d’ Ornellas em “Cartas de África”.

Esse é o mesmo argumento utilizado por Mafalda Leite ao tratar a narrativa de Khosa como um romance histórico, como nos indica Martinez no trecho abaixo:

Ungulani Ba Ka Khosa, com o seu livro Ualalapi, moderniza a ficção moçambicana ao introduzir um gênero que se enraíza no romance histórico. Os sinais que nos permitem identificar o gênero são os nomes dos personagens históricos e os acontecimentos que nos convidam a ler o texto à luz de um certo conhecimento histórico²⁰.

Os personagens e acontecimentos citados por Leite referem-se aos fatos históricos ocorridos no período que vai de 1880 a 1914 na África Central. É o que podemos comprovar, de acordo com os historiadores Isaacman e Vansina²¹, nos seguintes trechos: “Durante quase 10 anos, Gungunhana negociou ora com os britânicos ora com os portugueses, disposto a fazer toda uma série de concessões, menos renunciar à independência de Shangaan”; e “O poderoso chefe dos Gaza, Gungunhana, convidou os Swazi a juntarem-se à luta contra os portugueses²²”.

Essa intertextualidade — diálogo mantido entre o texto ficcional e os fatos históricos — está presente em toda a narrativa, como percebemos na fala de Gungunhani, que em seu primeiro discurso torna claro o sentimento de detenção do poder desse rei, último soberano de Gaza, que ora se apresenta como um déspota, ora como um mártir na luta contra o império português:

Os homens que não me conhecem, conhecer-me-ão. Não vou partilhar o poder. [...] E serei temido por todos, porque não me chamarei Mudungazi, mas Ngungunhane [...]. O medo e o

¹⁹ SLETSJOE, Anne. A questão do outro na África lusófona: Ualalapi de Ungulani Ba Ka Khosa. Universidade de Oslo. *Simpósio Internacional sobre la obra de Tzvetan Todorov*. Lund, p. 25-26. Set/2004. Disponível em: <<http://www.worldcat.org/title/simpósio-internacional-sobre-la-obra-de-tzvetan-todorov-lund-2004/oclc/185738808>>. Acesso em: 15 nov. 2015.

²⁰ MARTINEZ, Esmeralda Simões. Direito e Moral em Ualalapi. *Revista África e Africanidades*, Ano 2, n. 8, fev. 2010. Disponível em: <www.africaeffricanidades.com>. Acesso em: 02 nov. 2015.

²¹ ISAACMAN, Allen; VANSINA, Jan. Iniciativas e Resistência Africanas Na África Central, 1880-1914. In: BOAHEN, Albert Adu. *História Geral da África*, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010, p. 196.

²² ISAACMAN; VANSINA, 2010, p. 200.

terror ao meu império correrão séculos e séculos e ouvir-se-ão em terras por vocês nunca sonhadas!²³.

O livro é, pois, retrato histórico e ficcional; ficção permeada pelo insólito, pelo fantástico, outra particularidade desse interessante romance. Tal característica, observada por Grawunder²⁴, para quem o autor retoma a tradição do conto oral africano para narrar os feitos guerreiros na transmissão ou conquista de um reino, aponta para a fuga da linguagem denotativa e um mergulho em um mundo mágico, o que tem relação com a construção formal do texto de Khosa. Ainda, segunda essa estudiosa, a narrativa de Khosa:

[...] oferece marcas ou elementos pertinentes para a identificação de significados míticos no sentido antropológico, ou seja, de postura mágico-religiosa do homem diante do mundo e das ações humanas, na sua relação inconsciente diante dos significados²⁵.

Essa teoria também é ratificada por Sletsjoe²⁶, para quem a presença de elementos sobrenaturais na narrativa de Khosa encaminha-a para um tipo de literatura chamada “fantástica”. Gilberto Matusse *apud* Sletsjoe prefere falar em experiências insólitas, ao invés de eventos fantásticos. Essas experiências representariam fenômenos e comportamentos que, não podendo ser considerados sobrenaturais, fogem ao padrão da normalidade e, assim, aproximam-se do considerado fantástico²⁷.

Tais experiências ou eventos fantásticos são comprováveis na obra *Ualalapi*, como observamos nos trechos apresentados a seguir:

[...] enquanto os maiores do reino recolhiam às suas casas (...), sobressaltando as espécies adormecidas há séculos, removendo águas paradas desde a criação do mundo e dos homens em cujos túmulos esquecidos plantas desconhecidas cresciam [...]²⁸.

Quando entrei, gatinhando, senti as mãos escorrerem por uma massa lodosa. Pensei água, não era. O chão estava empapado de sangue e Damboia estava de pé [...]. Ao raiar do dia o sangue tocava os artelhos [...]. Optamos por tapar o sangue com a areia. E o sangue, para o espanto de todos, exsurgia sempre, atingindo a altura dos tornozelos²⁹.

Ao findar da madrugada acordou sobressaltado. Pancadas insistentes e ferozes caíram na porta do camarote. [...]. Era o seu vômito. [...] o mar, em redor do barco, tomava a cor do vômito³⁰.

²³ KHOSA, Ungulani Ba Ka. *Ualalapi*. Belo Horizonte: Nandyala, 2013, p. 25-26.

²⁴ GRAWUNDER, Maria Zenilda. *Ualalapi*: De uma nova geração de literatura moçambicana. *Letras de Hoje*. v. 25, n. 2, 1990. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/fo/ojs/index.php/fale/article/view/16157>>. Acesso em: 02 nov. 2015.

²⁵ GRAWUNDER, 1990, p. 119-120.

²⁶ SLETSJOE, 2004.

²⁷ SLETSJOE, 2004, p.98.

²⁸ KHOSA, 2013, p. 43.

²⁹ KHOSA, 2013, pp. 64-65.

³⁰ KHOSA, 2013, pp. 92-93.

Nesse romance, seu autor nos apresenta a identidade cultural dos povos africanos através da presença de vários elementos, tais como a valorização da tradição oral, a cultura ancestral, usos e costumes, a junção entre o espiritual e o material, a ligação entre o homem e natureza.³¹

A tradição oral africana tem relação com os aspectos religiosos, mágicos ou sociais dessa sociedade. Nela, o espiritual e o material não estão dissociados, sendo ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação³². Observamos a importância dada às palavras por essa sociedade, ressaltadas por Khosa³³: “A pior coisa que aconteceu durante aqueles meses foram as palavras, homem! Elas cresciam de minuto a minuto e entravam em todas as casas, escancarando portas e paredes”.

A natureza, para essa sociedade, é viva e animada por forças, portanto todo ato que a envolve deve estar acompanhado de um “comportamento ritual”, no sentido de preservar e manter o equilíbrio sagrado³⁴. Khosa³⁵ ratifica esse pensamento através de seu narrador, quando personifica o poder da natureza: “Enquanto pensavam nisto e naquilo, recordando coisas antigas e presentes, ligadas aos enigmas que a natureza atira aos homens sem piedade, estugavam o passo em direção à aldeia”. A presença dos ancestrais é outra característica presente em sua narrativa: “Os nomes que vêm dos vossos antepassados esquecidos morrerão por todo o sempre, porque dar-vos-ão os nomes que bem lhes aprouver, chamando-os merda e vocês agradecendo”³⁶.

Por fim, nesse livro, de narrativa fragmentária, sequencial e de cunho histórico, o autor nos remete ao passado recente de Moçambique. Em *Ualalapi*, Ungulani Ba Ka Khosa retrata o império de Gaza em decadência, nos finais do século XIX, cujo personagem central, Ngungunhani — por significado “o que domina”, o último imperador do reino de Gaza —, é de origem nguni. Segundo Mathe³⁷, a visão oficial da história o apresenta como um herói da luta de resistência moçambicana contra a dominação colonial portuguesa. Contrariando essa visão, Ngungunhani é descrito por

³¹ DOMINGOS, Luis Tomás. Visão Africana em Relação a Natureza. In: *ANAIS DO III ENCONTRO NACIONAL DO GT HISTÓRIA DAS RELIGIÕES E DAS RELIGIOSIDADES* – ANPUH -Questões teórico-metodológicas no estudo das religiões e religiosidades. IN: Revista Brasileira de História das Religiões. Maringá (PR) v. III, n.9, jan/2011. ISSN 1983-2859. Disponível em <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>

³² HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. A tradição Viva. In: KI-ZERBO, J. (ed.). *Coleção História Geral da África da UNESCO*. Volume I - Metodologia e pré-história da África 1980, p. 167-212. Disponível em: <http://sigaa.unilab.edu.br/sigaa/portais/discente/discente.jsf>>. Acesso em: 10 set. 2015.

³³ KHOSA, 2013, p. 59.

³⁴ HAMPÂTÉ BÂ, 1980.

³⁵ KHOSA, 2013, p. 19.

³⁶ KHOSA, 2013, p.117.

³⁷ MATHE. Alberto. *Samora em diálogo com Ngungunhane: A metáfora dessacralizadora da figura do herói em Ualalapi*. Conto interpolado: ciclo de contos. n.9, 2012. Universidade de Aveiro, Portugal. Disponível em: <<http://revistas.ua.pt/index.php/formabreve/article/view/2348/2207>>. Acesso em: 07 nov. 2015.

Khosa como um tirano, um déspota, um anti-herói; os heróis, nesse caso, são os negros que resistem às crueldades do imperador e aos invasores no processo de colonização.

A literatura pós-colonialista de Ungulani Ba Ka Khosa

Em acordo com Mafalda Leite³⁸, o termo Pós-Colonialismo inclui as estratégias discursivas e performativas (criativas, críticas e teóricas) que frustram a visão colonial, incluindo, além dos textos escritos originários das ex-colônias da Europa, discursos nos quais se observam a resistência às ideologias colonialistas com traços de reflexão e crítica sobre o período colonial. Essa atitude de crítica e reflexão nos aponta a característica mais marcante da literatura pós-independência, que é o engajamento por uma identidade nacional³⁹.

Os primeiros escritos moçambicanos, literatura por nós aqui tratada, são resultado da política colonial portuguesa nos anos 1930. Nos anos 1960, é fundado o Movimento da Libertação Nacional (FRELIMO), quando é intensificado o sentimento de exaltação patriótica. Nos anos 1980, prossegue-se com essa busca de identificação cultural, e é criada a Associação dos Escritores Moçambicanos (AEMO). Nesse sentido, o texto escrito busca reafirmar as tradições tribais e valores do povo africano.

Conforme Dutra⁴⁰, a literatura do período pós-colonial pode ser dividida em duas fases. A primeira fase percorre um espaço de dez anos, caracterizada pela exaltação patriótica, dado que associa fatos ao processo de libertação nacional; a segunda, nasce nos anos 1980; é denominada de “Geração Charrua” e envolve a produção de discursos que vão se posicionar criticamente em relação aos discursos oficiais.

É nessa fase que surge Ungulani Ba Ka Khosa, autor foco de estudo desse artigo, atuante desde os anos 1970 nos campos de reeducação administrados pela FRELIMO. Nasce, assim, um escritor desejoso de colocar no papel a história que muitos não sabiam. As origens e relatos da história de Moçambique foram delineados por Khosa como instrumento de afirmação cultural e de reivindicação político-ideológica; é essa a marca característica de sua literatura, pois para o escritor moçambicano

[...] a ficção permite extrair a poeira do tempo, dar vida às ruas, às casas, às pessoas. Quer dizer a literatura toma o passado com os olhos críticos do presente e, nesse sentido, narra o

³⁸ Leite .1956, p.10.

³⁹ GRAWUNDER, 1990, p.118.

⁴⁰ DUTRA, Robson. Ungulani Ba Ka Khosa: *Literatura e Eficácia*. Via Atlântica. Universidade de São Paulo. n.16, 2009, p. 80. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50463>>. Acesso em: 10 nov. 2015

não contado pela história oficial e que precisa ser contado para que seja conhecido, esmiuçado, refletido[...]”⁴¹.

Por fim, Khosa integra o grupo de escritores pós-colonialistas, visto que ele reescreve e remitifica o passado. Assim, em seu discurso, protesta contra as distorções e mistificações propagadas e arraigadas em seu povo pelos inventores colonialistas da África⁴². Ratifica-se, pois, a sua maestria no exercício da escrita reflexiva e crítica posto que seu texto dialoga e questiona as versões veiculadas pela história oficial do período colonial.

Considerações finais

Importante dizer que nosso percurso não finda aqui, visto que a pesquisa bibliográfica impulsiona o desejo de novos conhecimentos, nesse caso, favorecer o reconhecimento da história africana e sua cultura como parte integrante da história e cultura brasileira.

As possibilidades de cumprimento da Lei 10639/2003, que inclui no currículo oficial de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Africana são inúmeras, posto que os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio e as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, documentos que preceituam o ensino brasileiro, apresentam flexibilidade quanto aos modos de abordagem deste ensino. No entanto, vale frisar, é fundamental apresentar aos professores da educação básica propostas metodológicas de ensino e, principalmente, subsidiar sua formação continuada.

O caminho por nós aqui percorrido, contextualizando a abordagem do ensino da literatura como fonte de conhecimento da reconstrução da identidade afro-brasileira e africana, ao apresentar o escritor moçambicano Ungulani Ba Ka Khosa, nos permite inferir que a literatura, de forma mais específica o romance histórico, se vale da história oficial para suscitar novas discussões e reflexões.

O ensino da literatura na educação básica é, pois, esse instrumento potencializador da formação humana, e certamente pode contribuir para a desconstrução de estereótipos que apresentam a imagem e história do negro de forma negativa. A partir da sala de aula podemos reconstruir saberes, conhecimentos, posturas e trabalhar essa quota de humanidade, como enfatiza Antônio Candido⁴³.

⁴¹ TUTIKIAN, Jane Fraga. *Ungulani Ba Ka Khosa: O romancista das memórias marginalizadas*. Mulemba, n.11, UFRJ, dez/2014, p. 62. Disponível em: <http://setorlitafrica.letas.ufrj.br/mulemba/artigo.php?art=artigo_11_5.php>. Acesso em 05 nov. 2015.

⁴² HAMILTON, Hussell G. *A literatura dos PALOP e a teoria pós-colonial*. Via Atlântica. n.3, dez. 1999. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/viewFile/48809/52884>>. Acesso em: 05 nov. 2015.

⁴³ CANDIDO, 1988.

Khosa assim faz em *Ualalapi*, nos apresentando um outro discurso sobre a guerra de resistência sofrida pelos moçambicanos no final do século XIX. A literatura vive e se dissemina em um meio sociocultural histórico e geográfico, portanto é um campo amplo e aberto a ser investigado. Ela pode, pois, contribuir de forma efetiva para se desconstruir abordagens estereotipadas e já disseminadas nas escolas brasileiras do estudo da África como um recorte, um acontecimento do passado. E, de forma contrária, fomentar no jovem o desejo de conhecer a história do povo africano e a sua relevância para a formação da identidade cultural do povo brasileiro.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira*. Brasília: MEC; SEB; DICEI, 2013. 562p.

CANDIDO, Antônio. *O Direito à Literatura*. Disponível em: <file:///C:/Users/Rosalva/Downloads/candido-antonio-o-direito-c3a0-literatura-in-vc3a1rios-escritos%20fichamento.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2016.

DOMINGOS, Luis Tomás. Visão Africana em Relação a Natureza. In: ANAIS DO III ENCONTRO NACIONAL DO GT HISTÓRIA DAS RELIGIÕES E DAS RELIGIOSIDADES – ANPUH -Questões teórico-metodológicas no estudo das religiões e religiosidades. IN: *Revista Brasileira de História das Religiões*. Maringá (PR) v. III, n.9, jan/2011. ISSN 1983-2859. Disponível em <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>. Acesso em: 26 abr. 2016.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Por um Conceito de Literatura Afro-Brasileira*. Terceira Margem, Rio de Janeiro. n. 23. 2010. Disponível em: <<http://revistaterceiramargem.com.br/index.php/revistaterceiramargem/article/view/60>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

DUTRA, Robson. *Ungulani Ba Ka Khosa: Literatura e Eficácia*. Via Atlântica. Universidade de São Paulo. n.16, 2009. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50463>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

FILHO, Domício Proença. *A trajetória do negro na literatura brasileira*. Estudos Avançados, v.18, n. 50, São Paulo, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100017>. Acesso em: 26 abr. 2016.

GOMES, Nilma Lino. Diversidade étnico-racial e Educação no contexto brasileiro: algumas reflexões. In: GOMES, Nilma Lino (org.). *Um olhar além das fronteiras: educação e relações raciais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.136 p.

GRAWUNDER, Maria Zenilda. *Ualalapi: De uma nova geração de literatura moçambicana*. *Letras de Hoje*. v. 25, n. 2, 1990. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/fo/ojs/index.php/fale/article/view/16157>>. Acesso em: 02 nov. 2015.

HAMILTON, Hussell G. A literatura dos PALOP e a teoria pós-colonial. *Via Atlântica*. n.3, Dez.1999. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/viewFile/48809/52884>>. Acesso em: 05 nov. 2015.

HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. A tradição Viva. In: KI-ZERBO, J. (ed.). *Coleção História Geral da África da UNESCO*. Volume I - Metodologia e pré-história da África 1980, p. 167-212. Disponível em: <http://sigaa.unilab.edu.br/sigaa/portais/discente/discente.jsf>>. Acesso em: 10 set. 2015.

ISAACMAN, Allen; VANSINA, Jan. Iniciativas e Resistência Africanas Na África Central, 1880 - 1914. In: BOAHEN, Albert Adu. *História geral da África*, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010.1040 p.

KHOSA, Ungulani Ba Ka. *Ualalapi*. Belo Horizonte: Nandyala, 2013. 128 p.

LEITE, Ana Mafalda. *Literaturas africanas e formulações pós-coloniais*. Disponível em: <<http://www.escritas.org/pt/estante/ana-mafalda-leite>>. Acesso em: 01 nov. 2015.

MARTINEZ, Esmeralda Simões. Direito e Moral em Ualalapi. *Revista África e Africanidades*, Ano 2, n. 8, fev. 2010 - ISSN 1983-2354. Disponível em: <www.africaeafricanidades.com>. Acesso em: 02 nov. 2015.

MATHE, Alberto. *Samora em diálogo com Ngungunhane: A metáfora dessacralizadora da figura do herói em Ualalapi*. Conto interpolado: ciclo de contos. n.9, 2012. Universidade de Aveiro, Portugal. Disponível em: <<http://revistas.ua.pt/index.php/formabreve/article/view/2348/2207>>. Acesso em: 07 nov. 2015.

MUNANGA, Kabangele. Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje?. *Revista do Instituto de estudos brasileiros*, n.62, 2015, pp.20-31. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/viewFile/107184/105723>. Acesso em: 15 out. 2017.

PEREIRA, Edmilson de Almeida. *Panorama da Literatura Afro-brasileira*. Disponível em: <<http://150.164.100.248/literafro/data1/artigos/artigoedmilsoncallaloo.pdf>>. Acesso em: 26 abr. 2016.

SLETSJOE, Anne. *A questão do outro na África lusófona: Ualalapi de Ungulani Ba Ka Khosa*. Universidade de Oslo. Simpósio Internacional sobre la obra de Tzvetan Todorov. Lund, 25-26.Set/2004. Disponível em: <<http://www.worldcat.org/title/simp-sio-internacional-sobre-la-obra-de-tzvetan-todorov-lund-2004/oclc/185738808>>. Acesso em: 15 nov. 2015.

TEIXEIRA, Vanessa Ribeiro. *Ungulani, Paulina e as várias faces de Ngungunhani*. Mulemba. Rio de Janeiro: UFRJ, V.1, n. 8, pp. 1 41 - 151. jan./ jul. 2013. ISSN 2176381X. Disponível em: <http://setorlitafrica.letas.ufrj.br/mulemba/artigo.php?art=artigo_8_10.php>. Acesso em: 05 nov. 2015.

TUTIKIAN, Jane Fraga. *Ungulani Ba Ka Khosa: O romancista das memórias marginalizadas*. Mulemba, n.11, UFRJ, dez/2014. Disponível em: <http://setorlitafrica.letas.ufrj.br/mulemba/artigo.php?art=artigo_11_5.php>. Acesso em 05 nov. 2015.